



# A AURORA



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
Rua Formosa 242-2.º—PORTO

REDACTOR PRINCIPAL—*Antonio Alves Pereira*

Comp. e Imp. na *Tipografia Peninsular*  
Rua dos Mercadores, 171—PORTO

Propriedade do Grupo (Aurora Social)

EDITOR—*Mael Barboza*

Condições d'Assinatura (Pagamento adiantado)  
Um mez . . . . . \$05 (50 reis)  
Semestre . . . . . \$30 (300 reis)  
Um ano . . . . . \$60 (600 reis)  
Para fora do país acresce o importe do selo.  
Número avulso \$01 (10 reis)

## Carta aberta a Carlos Malato

Lê a tua carta recentemente dirigida a Urales. Julguei nela encontrar um bom punhado de razões que justificassem de um modo claro e leal a tua conduta dos últimos tempos. Afinal, em vez de uma argumentação cerrada e bem feita, que confundisse seguramente os teus contraditores, deparei com uma vasta rede de calúnias e infâmias, escritas por um desesperado que, não se encontrando em terreno sólido, tenta apoiar-se em tudo que lhe venha à mão. O mais feroz dos nacionalistas, o mais tigrino dos patriotas, ainda não ousou com a sua intolerância, com a sua cegueira, maltratar os seus inimigos, como tu. Foi preciso apareceres ao lado dos aliados e dos agentes ao serviço dos acionistas da Fabrica Nacional de Armas de Herstal, que são os mesmos da Deutsche Waffnen- und Munition's Fabriken in Berlin, para afirmares que os anarquistas anti-guerristas são *jogete dos clericais*. No meu pequenino paiz, que tem também partidários da sua intervenção na guerra para ajudar a defender a civilização de balcão, quando os operários iniciam qualquer movimento de reivindicação, os Governos, para o aniquilarem e falicitem o triunfo dos industriais, dizem na sua imprensa e nas suas notas officiosas que os trabalhadores andam vendidos aos monárquicos e que, portanto, o movimento não é económico, mas sim político, com intuitos de derrubarem a república. É claro que os Governos nunca conseguiram provar semelhante calúnia, justamente como tu não provas na carta, com dados elucidativos, a razão porque servimos de *jogete aos clericais*.

Se os anarquistas em serem contrários à guerra de conquistas, que não de civilização, são joguetes nas mãos dos clericais, que classificação merece a tua attitude em collocares-te ao lado dos industriais e financeiros, do rei Alberto e do Czar, das Bolsas de Londres, Petrógovo e Paris? O de feito com essa gente? Vá, eu não quero fazer uma afirmação tão grave, ser um caluniador, um desesperado, embora pertença ao número dos que não possuem valor intelectual, nem conceito realista. A razão basta-me.

Não é novidade para ti que a França desde a sua derrota de 70, que trouxe a queda do imperialismo e a subida da república, se preparava para a sua defesa, o que é justo, e para a sua desforra, o que era inevitável; que a Inglaterra, ferida em cheio nos seus interesses pela concorrência avassaladora do mercado alemão, procurava o momento de assalto para a desbaratar, arrebanhando, e todo o poderio colonial e enfraquecendo a por uma guerra de morte; que a Bélgica, no caso de conflagração, devia de forçosamente ser violada; que a Rússia, também imperial e militarista, autócrata e sanguinária, já que estava aliada com a França, liberal e tolerante... para os católicos, entrava na luta, mais pelo interesse das compensações territoriais, do que por amor à civilização francesa.

Uma das importantes provas de que esta guerra é de liberdade é o facto da concorrência colossal entre a Inglaterra e a Alemanha. Este império em 1870 era quase exclusivamente agrícola. Depois com o seu impulso gigantesco, com a sua organização política efectuada de 1811 a 1880, com a sua organização industrial de 1889 a 1893 e com a sua

organização comercial de 1893 a 1900 tornou-se uma terrível rival de Inglaterra. Em 1870, a grande maioria dos navios que frequentava os portos alemães eram ingleses; a frota alemã era apenas composta de 4519 navios mercantes, quase todos de vela, com 982.355 toneladas, aproximadamente. Em 1910 contava com 4.658 vapores, com uma tonelagem de 2.859.307, que percorriam os mercados onde a Inglaterra tinha a sua supremacia industrial e comercial. Com o seu desenvolvimento, a Alemanha corre o Egipto, os Estados Unidos, o Mexico, o Chile, o Uruguay, a Argentina e o Japão. Nestes sete países, de 1895 a 1938, o comércio alemão passou de 668.750.000 francos a 1.013.276.000 francos, aumentando 341.525.000 francos. O aumento inglês, em face da actividade alemã, ficou reduzido apenas a 145.935.000 francos! Passando-se à Europa, o cheque da industria e do comércio inglês foi enorme. Na Rússia, por exemplo, que hoje combate a Alemanha pela liberdade, *sic*, as importações inglesas diminuíram 18.950.000 francos, ao passo que as importações alemãs aumentaram 100.625.000 francos. Emfim, em todas as nações europeias o comércio e a industria inglesa diminuíram sensivelmente.

Não quero falar mais de cifras. Eu creio que tu, filho intelectual dos Diderot, dos Kabeais e Voltaire, deves conhecer estes dados, devido aos que a Inglaterra se apressa a desembainhar a espada e ir em socorro da liberdade... do seu comércio.

E não me chames germanófilo, porque o não sou; mas também não sou francofilo, nem tão pouco russófilo.

Tendo obrigação de saberes isto porque é então que em vez de propaganda revolucionária e anarquista, não envergaste uma farda e correste a todos os cantos da França a predicar a necessidade dos armamentos, de empréstimos sobre empréstimos, da ampliação dos anos de serviço militar obrigatório, da obediência à lei caserna, do respeito aos superiores hierárquicos, aconselhando solicitude, resignação e sacrificios? Posto que se tratava da *continuação da Grande Revolução* e da *realidade da vida*, porque desceste às camadas inferiores a pregar-lhes a revolta, o anti-militarismo, o anti-patriotismo, a anarquia, falando-lhe de liberdade e revolução, de escravos e parasitas, de miséria e opulência? Com a tua propaganda revolucionária de outros tempos ajudaste a criar um ambiente de que hoje procuras afastar-te, talvez arrependido...

Tem paciência. Eu também faço parte dos que estão contaminados pela tua propaganda e de outros, e engrosso igualmente as fileiras dos que tu chamas *fanáticos do anarquismo*, que fizeram de Krapótkine um *ídolo*, embora mais abaixo na carta endereçada a Urales nos apresentes emancipados, quebrando o fanatismo e *derrubando o ídolo*...

Mas ha uma falsidade da tua parte. Os anarquistas de Espanha, como os da América espanhola, como os ingleses, como os franceses, como os de todo o mundo, exceptuando, já se vê, uma insignificantíssima minoria, que quase não se dá por ela, a não ser o teu hiperbólico assanhado, não impediram, nem podiam impedir, a liberdade de Krapótkine expressar o seu pensamento, nem nós tão pouco, pelo facto de Krapótkine ter sido um

incontestável propulsor dos ideais anarquistas, pelo facto de ser uma grandiosa intellectualidade, devemos abdicar do nosso raciocínio, perder a nossa independência de investigadores e criticos, seguindo e acreditando em tudo quanto nos dizem. Já vês que o nosso fanatismo não é muito grande, e que os *padres da nossa religião* não são tão intolerantes, caluniadores, exasperados como tu. Krapótkine e tu intendes que a revolução económica, seguida de um periodo de evolução, para atingir o escopo da perfectibilidade humana, sob o duplo ponto de vista económico e político, se consegue mais facilmente participando-se na guerra, defendendo-a, exaltando-a, cantando-lhe hossanas; e nós, que não levamos a nossa caturrice, o nosso desespero, ao ponto de não abrimos os jornais anarquistas-intervencionistas, porque precisamos de acompanhar todas as opiniões, coisa que tu não fazes, como tolerante, como mais perfeito, como realista, como antifanático e antiídolástico, não concordamos. É um direito que nos assiste. Ou pretendes negar-nos a faculdade de pensar? E por pensar-mos diversamente de ti e de Krapótkine, apontando-vos as incoerências, é insultar-vos? Onde estão os insultos? Parece-me bem que nós não andamos na lua, mas que tu é que és o aluado.

Bem compreendo que esperas, por meio da derrota alemã, o desmembramento de império germânico, nascendo lá dentro uma revolução que implante uma nova república; bem intendo que não queres o triunfo da imperialista Alemanha em detrimento da Liberdade. Eu também não quero a sua vitória, como não quero a vitória da Inglaterra da França ou Rússia, mas a vitória do Povo unicamente. Uma vez vitoriosas a Inglaterra, a França e a Rússia, desaparecerá o militarismo na Europa? Oh não; eu não sou ingénio. A Rússia precisará de fortificar-se ainda mais para defender os seus territórios conquistados; a Inglaterra e a França farão outro tanto, porque sabem muito bem que a Alemanha e a Austria não perdoarão a derrota, mesmo que estale a república nestes dois últimos países; isso não impedirá as ideias de desforra e de desforra, como a república na França não as conseguiu impedir.

Assim, tu fazias melhor serviço se em lugar de apelares para a guerra, para a calúnia, para a violência de linguagem contra os teus, incitasses aos que têm as armas na mão a escurraçar o invasor, sem dúvida, mas, ao mesmo tempo, dar batida aos invasores internos, aos que os exploravam antes, aos que os faziam sofrer toda a sorte de miséria, inclinando os para a revolução e para a sua emancipação integral.

Aproveitava-se a circunstancia do Povo estar armado para o ajuste de contas. Bem sei que me vens já dizer que isso não dá resultado ainda. Também sabias que, antes da guerra, a tua propaganda anarquista não fazia nascer imediatamente a Anarquia, e no entanto tu fazia-la. Sempre dava mais resultado que os rancões entornados sobre os anarquistas que se conservam fieis aos seus princípios, de preferência aos espanhóis, com quem estou.

O que te aponteje acima é a nossa politica, agora em tempos de guerra de Estados contra Estados, porque em tempos de paz

de Estados, a nossa politica é a guerra aos partidos políticos e aos Governos, e quando rebenta qualquer revolução politica o nosso papel não é bem collocar-nos ao lado do partido mais liberal, aconselhando o povo a que se filie nêle, mas sim a encaminharmos as coisas, na medida do possível, para que se torne numa revolução o mais retintamente popular, isto é, pomonos em opposição a todos os partidos politicos para que avance apenas a acção eminentemente proletária e livre. E o facto de não podermos fazer triunfar já as nossas ideias não nos obriga a depôr as armas, a virarmos as costas à nossa propaganda, mudando de pensar.

Occupamo-nos, portanto, de politica, ao contrária do que malevolamente dizes. A tua fórmula «não se deve dizer não nos devemos occupar de politica, mas sim não convém meter-me-nos na pocilga parlamentar», é muito interessante. Podias, nos teus tempos de propaganda revolucionária, ter pregado essa teoria. Os anarquistas concorreriam ás urnas, elegendo deputados de outros partidos, visto que não deviam apresentar candidatos próprios, porque não convinha *metermo-nos na pocilga parlamentar*...

Enfim, antes de terminar estas longas linhas, digo-te que a Itália também acaba de entrar na guerra. Deves estar radiante, porque igualmente vai defender a Civilização, a Liberdade, a Grande Revolução. Quer o Trentino até Bozen, no Tyrol; Gorizia com Grandisca e Monfalcone, na provincia de Kustenlandia, Trieste; as ilhas de Lissa, Lesina e Curzola; quer Albânia, quer tudo e que for possível.

Ora os anarquistas de Espanha, «onde a raça tem sangue e ardores africanos», que não dão preferência aos impérios feudais e militares, e que por isso mesmo estão em opposição a todos os estados e a todas as guerras de conquistas e de acórdos celebrados secretamente; os anarquistas espanhóis, como os de todo o mundo, que não querem que a França e a Inglaterra sejam *atropeladas e destruidas em proveito do militarismo alemão*, porque aneiam e propagam o termo de todos os militarismos e, portanto, o seu desenvolvimento no futuro em França, em Inglaterra, onde ameaçam já com o serviço militar obrigatório, e na Rússia, que precisará de aumentar os seus efectivos; os anarquistas *fanáticos* de Espanha, de que Krapótkine, tanto admirou e de quem tu *desde ha muitos anos suspeitavas a falta de conceito realista*, comquanto os admiraes pelo seu entusiasmo, porque sem entusiasmo não se pôde intentar revolução alguma, embora entusiasmo degenerado em fanatismo, vindo tu, por consequência, com a tua admiração, contribuir para o fortalecimento da nova religião dogmática; os anarquistas espanhóis, como os ingleses, franceses, americanos, etc., que são contra a guerra e repudiam as tuas insinuações grotescas e insultantes e se riem da tua falta de lógica e do teu desespero em perfilharem furibundamente a intervenção dos anarquistas na guerra—não aplaudem o modo como a Itália e os aliados defendem a Democracia, a Civilização, a Liberdade, embora tu digas que eles favorecem com a sua orientação *abominável*, os intuitos da Alemanha e da Austria, enquanto estas os acusam de, com os seus propósitos pela realização do Congresso de Ferrol, auxiliar os exercitos aliados, fazendo as

suas respectivas embaixadas pressão sobre o Governo espanhol para proibir o Congresso, bem como as embaixadas de França, Rússia, Inglaterra, etc.

Os anarquistas não intervencionistas conservam-se nos seus postos antigos de combate: deram uma prova da sua independência, não seguindo chefes, porque os não admite, se bem que considerem homens que, pelo seu saber, tenacidade e esforço, concorrem imenso para o desenvolvimento das ideias anarquistas, mas que, todavia, não são impeccáveis, nem infalíveis.

E para findar, digo-te que fiques com as tuas theorias, que nós ficamos com as nossas, sempre prontos a discutir e lêr a evolução das tuas opiniões que apareçam em qualquer jornal.

Se vês que realmente tens razão, não trepides em nos atacar, com a mesma violência que até aqui. Pódes mesmo vêr se consegues fazer pressão no ministério francês, com os socialistas, por exemplo, para que reprima a imprensa antiguerrista e revolucionária. Ficarás satisfeito com um serviço excelente prestado à Civilização do canhão e à Liberdade do burghês—mercantilista.

Clemente Vieira dos Santos

### A união sagrada

Os jornais operários que ainda se publicam em França mostram como, não obstante a decantada «união sagrada» do patronato, mesmo nas indústrias menos prejudicadas pela guerra, trata de aproveitar a guerra para aumentar a sua exploração do trabalho. *L'Union des Métaux*, por exemplo, insere uma longa lista de grandes casas que estão reduzindo escandalosamente os salários. O mesmo se dá na Alemanha, na Inglaterra, na Rússia, etc. O mesmo se dava na Itália, já antes da guerra:

«São despedimentos arbitrários, tentativas para fugir aos pactos estipulados, para *reduzir* (sim, até isso), as tabelas de salários, para instituir categorias nas categorias, para pôr umas contra as outras as várias categorias operárias, para estabelecer o trabalho por obra onde elle não existe, para enfraquecer as secretarias de collocação, para especular sobre a desoccupação, para em suma reduzir a zero a acção defensiva do proletariado. Assim em Molinella, assim na provincia de Ferrara, assim na de Bolonha, assim nas Apúlias, especialmente por parte dos agrários.

É uma acção subtil e penetrante que se exerce dia a dia em cada provincia e em cada comuna, enquanto as fanfarronadas nacionalistas tentam aturdir com o seu barulho e as suas sugestões o proletariado ingenuo e bom.

É a reacção que se apodeta de todos os campos, que penetra e esbraveja em todas as instituições, nas administrações públicas e privadas.

É a luta, que se tornou mais clinica e impiedosa, da burguesia contra o proletariado. Entretanto, vai-se falando de *umão sagrada*; união que o proletariado não poderia, claro está, conceder *sem condição alguma*, mas que é bem estranho que a burguesia espere alcançar com o costumeado sistema o uso e abuso dos meios de que dispõe.

Assim escrevia já, em 15 de Maio passado, a *Guerra de classe*, órgão da União Sindical Italiana.

Como se vê, a guerra entre povos matou a guerra entre as classes...

### Transformação

Palavras do sr. Brito Camacho, no artigo de fundo da *Luta* de 23:

Antigamente, no tempo do Saldanha, os officiaes dispunham das unidades que comandavam, as suas companhias, os seus esquadrões, os seus regimentos; mas já em 91, por ocasião do 31 de Janeiro, os regimentos se insurreccionaram só por influencia dos sargentos, e as tropas de terra, no cinco de Outubro foram comandadas por um commissário naval. O sr. Pimenta de Castro não ignorava, certamente, que se fez uma transformação profunda, de há anos a esta parte, na *mechanica do mando*, e que uma tropa miliciana, como é a nossa, num País como o nosso, sem disciplina social, pretata-se maravilhosamente a ser trabalhada pelos civis em sentido revolucionário.